



DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

**MESTRE DIDI:
ARTE RITUAL**



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Mestre Didi: arte ritual / Instituto Arte na Escola ; autoria de Christiane Coutinho e Erick Orloski ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 46)

Foco: MT-9/2006 Materialidade

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-32-6

1. Artes - Estudo e ensino 2. Materialidade 3. Arte afro-brasileira 4. Mestre Didi I. Coutinho, Christiane II. Orloski, Erick III. Martins, Mirian Celeste IV. Picosque, Gisa V. Título VI. Série

CDD-700.7



Créditos

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

MESTRE DIDI: arte ritual

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autores deste material: Christiane Coutinho e Erick Orloski

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

MESTRE DIDI: arte ritual

Ficha técnica

Gênero: Documentário com depoimentos do artista e estudiosos.

Palavras-chave: Dimensão simbólica da matéria; matéria orgânica; arte afro-brasileira; sincretismo cultural e religioso; heranças culturais; temática religiosa; forma; geometria.

Foco: **Materialidade.**

Tema: Vida e obra de Mestre Didi.

Artista abordado: Mestre Didi.

Indicação: Alunos do Ensino Médio.

Direção: Maria Ester Rabello.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2000.

Duração: 23'.

Coleção/Série: *O mundo da arte.*

Sinopse

O documentário apresenta a comunhão entre religiosidade e estética presente nas obras de Mestre Didi, que as faz com maestria através do uso de materiais naturais. O ateliê do artista é o local escolhido para nos apresentar o Mestre em sua produção manual, atenta e sensível. A cidade de Salvador/BA, com suas praias e arquitetura, também aparece como cenário, por ser a cidade natal do artista e também por ser o berço da cultura trazida pelos africanos para o Brasil. Além das colocações do próprio Mestre Didi, outras pessoas, como sua esposa e antropóloga Juana Elbein dos Santos, tornam-se porta voz de suas produções, enaltecendo a transcendência religiosa, os elementos estéticos universais e as suas sábias e simbólicas escolhas dos materiais na feitura dos objetos que representam a natureza.

Trama inventiva

O atrito do olhar sobre a obra recai no estranho silêncio da matéria. Somos surpreendidos. Matérias são pele sobre a carne da obra. Pigmento. Lã de aço. Lâminas de vidro e metal. Tecido. Plástico. Ferro. Terra. Pedra. Não importa. A matéria, enfeitada pelo pensar do artista e sua mão obreira, vira linguagem. No reencontro dos germes da criação, a escuta da conversa das matérias desvela o artista e sua intenção persistente, cuidadosa e de apuramento técnico: o conflito da fusão, as confidências das manchas, o duelo entre o grafite preto e a candura do papel, a felicidade arredondada do duro curvado. Na cartografia, este documentário se aloja no território da **Materialidade**, surpreendendo pelos caminhos de significação: a poética da matéria.

O passeio da câmera

Cores fortes ressaltam aos nossos olhos neste documentário. Cores intensas da Bahia, com seu clima tropical e seu mar azul refletidos nos trabalhos de Mestre Didi. O artista, submerso em sua produção, com suas mãos habilidosas, trabalha avidamente, até mesmo nos momentos em que nos fala. A todo tempo podemos observar a forma como lida com os materiais, com cuidado e primando por uma confecção detalhada composta por junções de búzios. As linhas vão se preenchendo pelas contas e as palhas tomam corpo, entrelaçando-se umas nas outras. Linhas que se movimentam com o caminhar da câmera que nos apresenta seus objetos-rituais.

Ao buscar imagens externas da cidade mãe, Salvador, passamos por entre elementos naturais, os mesmos trabalhados por Mestre Didi. Os materiais escolhidos nos remetem à importância de cada elemento da natureza que são responsáveis por nossa vida e que são profundamente respeitados na religião de origem africana. Mestre Didi une vida e obra, arte e religião em seus objetos rituais. A simbologia é a grande marca de sua

produção, estando presente desde a escolha dos materiais e cores até as formas curvas ou retilíneas que representam o feminino ou o masculino.

Sua única obra exposta em contato direto com a natureza, contraditoriamente, é em bronze. Os materiais orgânicos se findariam com a ação do tempo, pois são vivos e conseqüentemente menos resistentes. Ainda assim, a matéria orgânica se faz presente por suas características físicas representadas na superfície dura do metal. Assim, a materialidade orgânica torna-se simbólica, ainda que fisicamente tenha outras características, e apresenta-se aqui como nosso principal foco de trabalho.

Além do território da **Materialidade**, onde o documentário foi alocado, outras temáticas podem se relacionar com a produção de Mestre Didi, especialmente em *Saberes Estéticos e Culturais* – a simbologia, o sincretismo cultural e religioso, as heranças culturais, a cultura afro-brasileira; em *Forma-Conteúdo* – a forma, as cores puras, a temática religiosa; em *Linguagens Artísticas* – escultura, objeto, música e dança; em *Conexões Transdisciplinares* – a antropologia, a filosofia e religião ioruba, a geometria; em *Processo de Criação*: a poética pessoal, o repertório pessoal e cultural, o ateliê e em *Patrimônio Cultural* – as heranças culturais, a memória coletiva, a cultura brasileira.

Sobre Mestre Didi

(Salvador/BA, 1947)

Os orixás do Panteão da Terra são os que nos alimentam e nos ajudam a manter a vida. Os meus trabalhos estão inspirados na natureza, na Mãe Terra -Lama, representada pela orixá Nanã, patrona da agricultura.

Mestre Didi

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, assim como muitos artistas ligados à cultura popular, aprende as artilhanhas de seu ofício ainda na infância. Sua produção se mistura à sua vida religiosa de adoração aos espíritos ancestrais, unindo artista e sacerdote de modo indissociável. Como sumo

sacerdote do culto aos ancestrais Egungun, Mestre Didi é o mediador entre os vivos e os mortos.

Se, por um lado, sua arte expõe em parte seu olhar sobre mitos e tradições ancestrais, sua palavra permanece resguardada sob um invólucro de santidade. “Ele fez um juramento que lhe privou de falar em público, fora do recinto religioso. O seu dizer não pode ser deturpado”, explica sua esposa, a antropóloga Juana Elbein dos Santos, designada como sua porta-voz. A sabedoria deste baiano é transmitida efetivamente através de sua extensa produção de esculturas, o que lhe rende reconhecimento como artista internacional. Suas obras fazem parte do acervo do Museu Picasso, em Paris, do MAM de Salvador e do Rio de Janeiro, entre vários outros museus brasileiros e estrangeiros.

Como escultor, escritor, ensaísta e curador, Mestre Didi é um representante da cultura afro-brasileira e, mesmo sem formação acadêmica em artes, participa e é curador de diversas mostras de arte afro-brasileira, tanto no Brasil quanto no exterior, reafirmando sua importância junto à produção artística contemporânea. A 23ª Bienal Internacional de São Paulo, de 1996, e a Mostra do Redescobrimento, em 2000, são duas importantes exposições que contam com a representação significativa do artista.

Aos 29 anos publica o primeiro livro, *Yorubá tal qual se fala* – com prefácio de Jorge Amado e ilustrações de Carybé. Outros vinte livros se seguem, entre histórias de terreiros e contos da tradição negra da Bahia. Como pesquisador, publica livros sobre a cultura afro-brasileira (entre 1946 e 1989), participa de congressos, é membro de institutos de estudos da mesma temática entre as décadas de 60 e 90, e desenvolve, em 1966, uma pesquisa a convite da Unesco, abrangendo a cultura africana comparativamente com a brasileira.

Mestre Didi, entretanto, sempre julga a palavra escrita ainda insuficiente para a transmissão de conhecimentos. “Não existe dicotomia entre as artes. Todos os contos afro-brasileiros são cânticos. Foram feitos para serem ouvidos, cantados e dançados”, diz Juana. É por isto que Mestre Didi também é conhecido

como um artista integral, “um renascentista da cultura nagô”. Não temos registros ou depoimentos do artista relacionando algum outro artista como influência, no entanto podemos entender a própria cultura nagô de origem iorubá como a base para sua formação, já que tanto as formas, quanto as cores, os materiais e a simbologia de seus trabalhos provêm desse universo. A própria vida baiana, com sua culinária, suas cores, sua miscigenação e seu sincretismo religioso possivelmente se refletem em sua produção. É interessante perceber no documentário que o artista valoriza e se apropria de toda uma descendência africana, mas afirma que não é africano e sim brasileiro, vivendo de acordo com os nossos padrões culturais. Nesse sentido, o documentário enfatiza Salvador e a Bahia em semelhança ao próprio artista, como genuínos símbolos da cultura afro-brasileira.

Além da religiosidade, a materialidade também está sempre presente e é fortemente explorada durante todo o seu processo criativo. **Começa fazendo entalhes em madeira, depois vem os *exus* esculpidos em cimento e barro, além das mais popularmente conhecidas esculturas que têm como matérias-primas os búzios, contas, palhas, nervuras de palmeiras e tecidos. Cada peça é única e irreproduzível, resultado de recriações permanentes que falam do filho de um país multicultural.** Os elementos apresentados nas esculturas de Didi se repetem como elementos masculinos e femininos que perpetuam o ciclo contínuo da própria natureza.



Os olhos da arte

Os meus trabalhos falam por mim. Não é preciso que eu diga mais nada.

Mestre Didi

A arte é expressão, é comunicação. Uma via dialogal que nos abre a possibilidade de múltiplas reflexões. A arte, assim como a linguagem verbal, o mito e a religião são, para o filósofo¹ Ernest



Mestre Didi - *OPÁ IBIRI ATI ADO MEJI*
(Cetro de NANÁ)



Mestre Didi - *ÒPÁ ÈYÉ ATI EJO MEJI*
(Cetro de pássaros com duas serpentes)

Cassirer, parte do universo simbólico construído pelo ser humano. Como linguagem, a arte nos fala de muitos modos. A materialidade é um de seus códigos, seja para a sua produção ou para sua leitura. Para Pareyson²:

... os materiais físicos já chegam à arte carregados de uma dimensão espiritual e artística a qual, unicamente, torna-os capazes de interessar à arte: a matéria da arte nunca é virgem e informe, mas já preñhe de uma carga espiritual e assinalada por uma realidade ou por vocação de forma, quer estas possibilidades lhe tenham sido oferecidas

pela própria natureza que, pelo contrário, o homem as tenha inserido nela, no decurso de uma tradição de manipulação artística.

As matérias escolhidas para compor um trabalho visual, bi ou tridimensional, trazem informações que se complementam com as formas trabalhadas, com as cores, tal como os demais elementos, compondo um todo carregado de significados. Nos trabalhos de Mestre Didi, é possível perceber claramente as cargas simbólicas das matérias escolhidas.

Por que o uso da palha? Que informações ela traz? Quais histórias se relacionam com esse material? E os búzios? Onde são encontrados? Quais leituras são possíveis, sabendo que se trata de matérias orgânicas? A própria palavra “orgânica” pode nos remeter aos organismos, ao que é natural, ao que tem vida.

A carga simbólica passa por filtros, pois a simbologia se transforma de acordo com a cultura que está inserida. Os objetos de Mestre Didi, por exemplo, nos conduzem ao universo religioso afro-brasileiro, às questões rituais. Nenhum emblema é arbitrário, nenhuma matéria é sem sentido. A ancestralidade, por exemplo, é representada por um feixe de nervuras.

Ainda menino, Mestre Didi aprende com os mais antigos, a compreender e manipular objetos, formas, emblemas que presentificam as entidades sagradas. A Terra - *Iya-nlá*, a grande mãe, é associada a Nanã, orixá dos primórdios da criação. Sendo a mais antiga entidade da constelação mítica, é caracterizada por carregar o *Ibiri* na mão direita:

O *Ibiri*, como o *Xaxará*, (*Sàsárà*) é feito com uma atado de nervuras de palmeira - símbolos dos *okú-orún*, os mortos - ornamentado com tiras de couro, búzios e contas azul-escuras ou brancas. Devem ser confeccionados por um sacerdote altamente qualificado, preparado para manipular representações tão poderosas. Enquanto está sendo confeccionado, do mesmo modo que o *Xaxará*, preceitos especiais devem ser observados. Está simbolizada pelo uso abundante de *cauris* ou búzios. Os *cauris* pertencem ao branco. Os *cauris* desprovidos de seus molúsculos, constituem os símbolos por excelência dos duplos espirituais e dos ancestrais.³

Ao nos depararmos com as esculturas de Mestre Didi, talvez

não tenhamos condições de decodificar cada matéria, cada cor, cada forma. Porém percebemos como ela é importante, a ponto de conservar-se mesmo quando transformada em bronze. É preciso ter em vista que trata-se de um universo específico e de certa forma restrito aos seus iniciados, no entanto, algumas questões de ordem universal estão presentes e abrem vias de acesso e compreensão sobre seu trabalho. Situação semelhante acontece com outros artistas que trabalham com a temática afro-brasileira, como Rubem Valentim⁴, cuja poética trabalha com símbolos geometrizados, também com origem nas religiões afro-brasileiras.

Além desses artistas que trabalham uma simbologia diretamente relacionada ao universo ritual, encontramos outros que se conectam à temáticas diversas? Na arte conceitual, por exemplo, **a matéria traz em si uma carga simbólica, como é o caso de Joseph Beuys. Ele faz uso de uma série de matérias, como o feltro e a gordura, importantes em sua história de vida** e que fazem mais sentido quando o público é conhecedor dessa história.

Na arte contemporânea, um elemento natural amplamente explorado é a água, por ter uma forte carga simbólica em diversas culturas, muitas delas ligadas à fertilidade e ao próprio ciclo da vida. A água foi e tem sido explorada em suas diversas possibilidades físicas, inclusive na forma de vapor, como por Laura Vinci. Torna-se assim, uma *matéria imaterial*, não palpável, mas que ainda assim traz valores agregados, que extrapolam os limites das crenças religiosas.

O passeio dos olhos do professor

Antes de planejar possíveis proposições pedagógicas, sugerimos que você reveja o documentário focando alguns aspectos que consideramos importantes. Apresentamos abaixo alguns questionamentos que podem ampliar a sua visão – uma pauta do olhar. Com papel e lápis para anotar com palavras, gráficos ou desenhos, sugerimos que você inicie um diário de bordo. Algumas questões podem aquecê-lo:

- Que perguntas o documentário provoca em você?
- Que sensações e pensamentos lhe ocorrem? Magia, mistério, preconceito, estranhamento?
- Como você vê a conexão entre a estética e a religião na produção de Mestre Didi?
- Qual a importância dos materiais utilizados pelo artista em suas obras?
- Sobre o documentário: como você vê a relação entre o som e as imagens? O culto ao silêncio do mestre, de pouca fala, aumenta ou diminui o seu interesse?
- Há relações entre as cores presentes tanto nas obras apresentadas quanto no próprio documentário?
- Dentre as temáticas apresentadas no documentário, quais você acredita que seriam mais interessantes para seus alunos? Por quê?

Ao rever as anotações, o seu modo singular de percepção e análise se revela. A partir destes registros e da escolha do foco de trabalho, quais questões você incluiria numa pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos por este documentário? A pauta não precisa ser trabalhada com os alunos como um questionamento verbal: o contato deles com suas questões pode se dar pela realização das diversas propostas para aprender-ensinar arte que você formular partindo deste direcionamento, e suas respostas também podem ser não verbais, expressas pelo desenvolvimento de seu processo de trabalho.



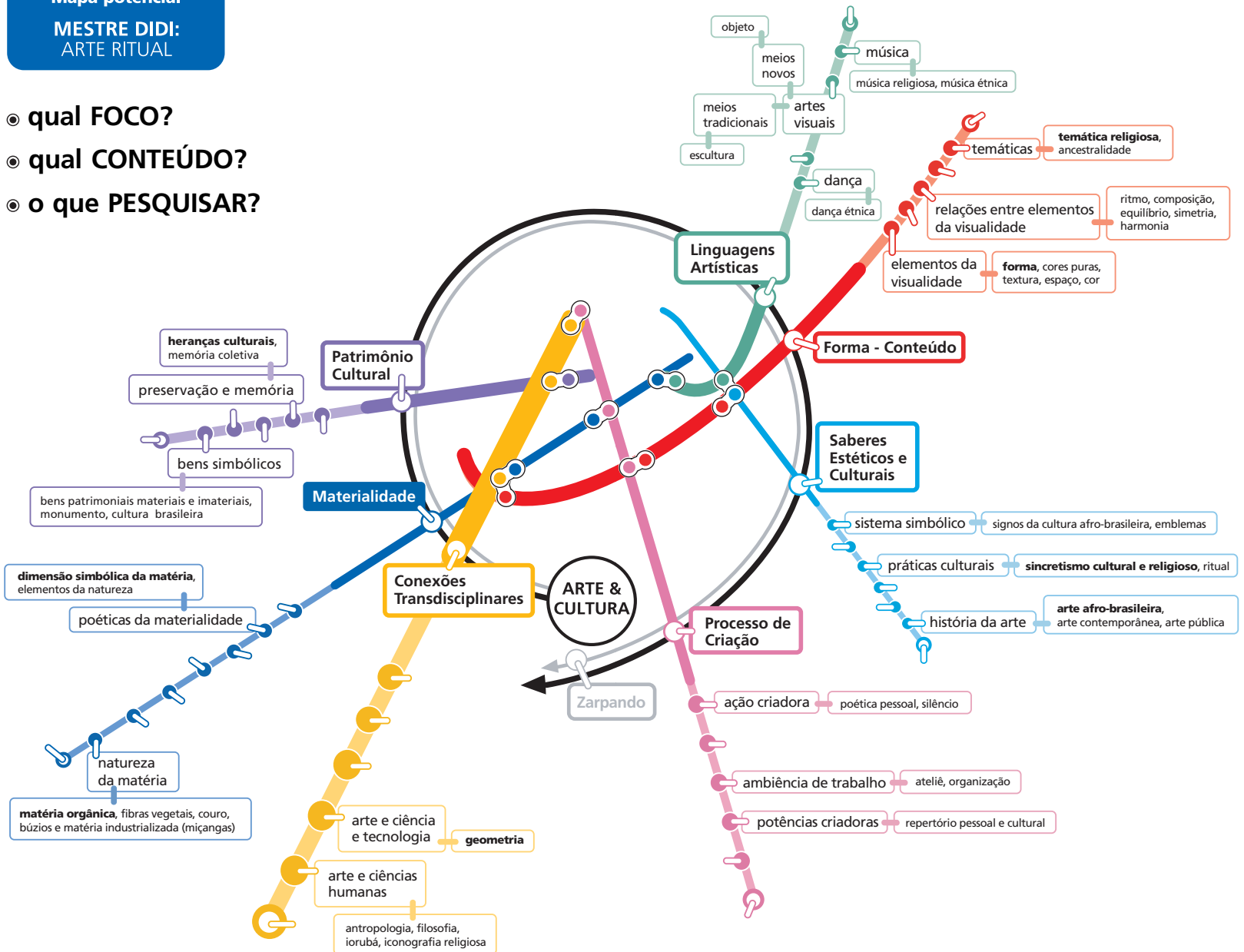
Percursos com desafios estéticos

Consideramos como foco do documentário o território da **Materialidade**, mas através do mapa você pode perceber que existem múltiplas possibilidades de abordagens, cercando, especialmente, a arte afro-brasileira, a religiosidade e as heranças culturais. Sugerimos algumas proposições pedagógicas para ampliar, transformar e alimentar sua criação de acordo com a sua percepção do documentário e das possíveis ressonâncias em seus alunos.

Mapa potencial

MESTRE DIDI: ARTE RITUAL

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



O passeio dos olhos dos alunos

As possibilidades apresentadas aqui são apenas algumas sugestões de trabalhos que podem ser ampliadas, inclusive trabalhando de forma integrada às disciplinas de português, história, geografia e arte. Elas podem constituir uma seqüência de atividades ou serem aplicadas separadamente.

A simbologia dos materiais

Mestre Didi utiliza diversas matérias que são escolhidas por sua dimensão simbólica. São materiais naturais, repletos de histórias e de simbologias. Como preparação para o documentário, você pode propor um exercício de leitura partindo de duas matérias bem diversas, por exemplo: uma pedra e um espelho; sal e um pedaço de couro; penas e lã; feltro e gordura. A comparação pode ajudá-los a responder: qual a história dessas matérias? As matérias são naturais ou foram produzidas? Para quais outras finalidades têm sido usadas? Estão presentes em momentos banais ou especiais? De que modo elas poderiam ser utilizadas numa produção artística? O que poderiam significar? Essa conversa prepara para ver o segundo bloco do documentário. O que ressoará dela?

Arte e religião

Em várias culturas, tanto ocidentais, quanto orientais, em diversas épocas, existiram – e ainda existem – produções conjuntas entre arte e religião. Podemos citar como exemplo a arte egípcia, o renascimento, o barroco, entre outros. Você pode sugerir aos alunos uma pequena pesquisa sobre o tema, sem focar, necessariamente, num período. Ou ainda dividi-los e propor para cada grupo um movimento artístico diferente. Algum grupo trará obras de arte afro-brasileira? Ao conversar sobre o que descobrirem, você os prepara para ver todo o documentário ou, se não for possível, inicie pelo primeiro bloco.

A cultura afro-brasileira

O que é a cultura? Como é a nossa cultura? Quais manifestações consideramos como culturais? Problematize o conceito de cultura e peça aos alunos que lembrem das manifestações culturais presentes em sua comunidade, seja na música, na culinária, nas festas populares e religiosas. Essa conversa pode preparar os alunos para verem o terceiro bloco do documentário e pode gerar interesse por novas pesquisas.

Essas possibilidades para a exibição do documentário podem ser recriadas, por exemplo, com a leitura de uma obra de Mestre Didi. Conhecendo seus alunos, você certamente saberá fazer a melhor opção.

Ampliando o olhar

Após terem assistido ao documentário todo ou apenas a um dos blocos, surgem novas possibilidades para o aprofundamento das questões que ele propõe ao grupo de alunos e a você. Eis algumas sugestões:

- Muitas religiões estão presentes no Brasil, fruto da miscigenação e da imigração que acontecem desde o período da colonização do país, intensificando-se em algumas regiões a partir do século 20. A religião católica ainda é tida como a religião oficial do Brasil, mas muitas outras foram acolhidas no forte sincretismo religioso e cultural. Judaísmo, budismo, protestantismo, candomblé, umbanda são comuns em muitas regiões do país. A partir das religiões dos alunos, pode-se iniciar um estudo sobre a iconografia religiosa, isto é, a identificação, descrição e interpretação temática das obras e das construções religiosas.
- O livro *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, retrata bem o sincretismo religioso existente na Bahia, com versões para cinema e tv. Ele pode se tornar uma boa leitura para a ampliação de repertório visual e cultural sobre a questão do sincretismo religioso e cultural. A partir dele, os alunos podem compor desenhos, pinturas, colagens ou textos poéticos.

- © O barroco é considerado o primeiro movimento artístico genuinamente brasileiro e estava profundamente ligado às questões religiosas. Tendo um de seus focos na Bahia, pode também ser encontrado em diversas cidades por todo o Brasil. A leitura de obras barrocas e a pesquisa sobre os artistas, muitos deles afro-descendentes, podem ampliar a percepção histórica por uma linha não cronológica, mas temática. Se for possível, planeje visitas a igrejas barrocas para conhecer *in loco* o movimento estudado.
- © Existem algumas instituições que possuem em seu acervo peças de origem africanas ou afro-brasileiras, em especial as instituições voltadas para a preservação da cultura popular brasileira. Pesquise em sua cidade, ou em cidades mais próximas, os museus e/ou outras instituições culturais que contenham arte afro-brasileira e planeje uma expedição com seus alunos. O contato direto com as obras sempre possibilita leituras e percepções diferenciadas.
- © A simbologia da matéria está presente em outras produções artísticas contemporâneas, muitas vezes questionando valores, criticando ou refletindo em fortes conexões entre arte e vida. Alguns artistas se valem da carga simbólica dos materiais que utilizam para a feitura de suas obras, como o feltro e a gordura utilizados por Beuys, as lâminas de Nazareth Pacheco⁵, a efemeridade da água congelada de Laura Vinci. Trazer obras desses artistas para a classe pode impulsionar também para produções em que a matéria seja o foco de significação.
- © Qual a diferença entre arte e artesanato? Esta é uma questão polêmica que pode ser trazida para a classe. Entrevistas com pessoas da comunidade, artistas e artesões podem alimentar a polêmica. O foco maior está por baixo da questão: de que arte cada um está falando? A complexidade é grande, mas será possível perceber quando a matéria ganha significação expressiva e simbólica e quando ela é apenas o material da obra?

Desvelando a poética pessoal

O desafio proposto neste percurso é orientar e motivar os alunos a criar séries de trabalhos nos quais desenvolvam uma atitude de pesquisa sobre seu modo próprio de expressão na linguagem visual e adquiram consciência sobre o caráter poético desta criação. O importante é proporcionar a escolha pessoal, impulsionar a criação de uma série de trabalhos e acompanhá-los até o momento de apresentação e discussão da experiência com a classe.

Para iniciar, selecione uma quantidade limitada de materiais de diferentes qualidades, como por exemplo: argila, papel, arame, tinta e sucata. Promova uma discussão sobre os possíveis valores imateriais agregados a cada material, buscando múltiplos aspectos: funcional, expressivo, simbólico, histórico, entre outros. Após a problematização, você poderá pedir a cada aluno que escolha até três materiais diferentes, tendo como critério sua maior identificação com os valores a eles atribuídos anteriormente. Se precisarem, eles podem buscar outros materiais.

Feita a escolha, cada aluno desenvolverá uma série de 3 a 8 trabalhos, tendo como base os mesmos materiais. Acompanhar esses trabalhos e nutri-los com imagens de artistas que os utilizam será importante até o fechamento do projeto, quando apresentarão seus trabalhos para a classe.

Conhecendo pela pesquisa

- A convivência entre africanos e brasileiros é a própria síntese da formação do chamado povo brasileiro, miscigenado, bem como toda a sua cultura. Segundo Gilberto Freyre⁶:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica no Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano. Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.

A marca dessa influência pode ser pesquisada conjuntamente com o professor de português, especialmente em relação à linguagem. Existem várias palavras usadas por nós cotidianamente que vêm da língua africana e foram introduzidas em nosso vocabulário no período da escravidão no Brasil. O levantamento dessas palavras pode gerar poesias visuais, somando palavras e cores, formas, matérias, imagens.

- © Peter Junge⁷ escreve sobre as máscaras africanas:

Essas obras caracterizavam-se pela abstração e por um tratamento livre da forma. Foi essa arte que inspirou os fundadores do cubismo francês, como Picasso e Braque, ou os expressionistas alemães. (...) A admiração desses artistas de vanguarda era provocada pelo suposto primitivismo, pelo "vigor originário", pela animação dos objetos com força mágico-religiosa. Assim, a "descoberta" da arte da África foi sobretudo uma projeção. Ela foi construída como o oposto do que se afigurava como tradicional, vazio e entediante no mundo artístico europeu de caráter acadêmico.

Pesquisar sobre as máscaras africanas, as influências nos movimentos vanguardistas do início do século 20, pode despertar seus alunos para a produção de máscaras.

- © A África muitas vezes parece ser vista como um único país, no entanto é um continente com países de culturas distintas e que estão vivas, tendo uma história contemporânea, ainda que muitos conflitos atuais sejam originados pela partilha e tomada territorial feita pelos europeus. Na 24^a e 25^a Bienal Internacional de São Paulo, foram apresentados trabalhos de vídeo-arte e fotografia africanos. Se for possível, programe na sala de informática de sua escola uma pesquisa sobre a cultura contemporânea africana, podendo partir do site oficial da Bienal de São Paulo. Como são os trabalhos produzidos na África? Como a cultura africana e/ou as influências culturais são registradas? Compare a produção dos africanos com a produção dos artistas brasileiros que trabalham com a temática afro.
- © Diversos artistas trabalham com a representação de pessoas afro-descendentes, ressaltando sua importância e vigor. É o que ocorre nas produções fotográficas de Pierre Verger, Mario Cravo Neto e Madalena Schwartz, que retratam ou-

tras questões além da religiosidade. Ora para serem exaltados, ora por serem considerados exóticos, os afro-descendentes foram retratados muitas outras vezes por Lasar Segall e Di Cavallanti além de outros ou, ainda antes, como nas litografias de Rugendas. A partir da leitura dessas obras, como seus alunos representariam os afro-descendentes? Para fugir das releituras, os alunos podem utilizar colagem ou esculturas para a expressão de suas idéias.

Amarrações de sentidos: portfólio

A primeira parte de avaliação do processo pode se dar a partir da criação de um portfólio, ou seja, uma forma para os alunos pensarem a melhor maneira de apresentar tudo o que pesquisaram e produziram durante o projeto. A idéia de uma caixa, por exemplo, pode ser interessante, pois pode representar uma memória a ser guardada, protegida, enfim, preservada. Cabe-rá aos alunos a escolha do que colocar nessa caixa e a melhor forma de organizá-la.

O objetivo maior dessa ação pedagógica é possibilitar uma visão geral do projeto, percebendo sua seqüência, os desvios de caminhos, o que poderia ter sido ainda realizado, o que foi a mais.

Valorizando a processualidade

Onde houve avanços? O que os alunos percebem que aprenderam? O que é possível ler do portfólio dos alunos? Socialize entre todos da classe o que foi produzido e como foi organizado o pensamento de cada um na caixa. Levante os pontos que cada um achou mais relevante e também o que eles sentiram falta e registre tudo em seu diário de bordo.

A reflexão sobre o seu processo como professor-propositor é importante: quais as memórias (aprendizados) que você pretende preservar deste projeto? Como você pretende manter essa memória viva? Quais foram os seus maiores desafios? Quais idéias surgem a partir desta experiência? Um outro documentário poderia dar prosseguimento ao trabalho?

Glossário

Ancestralidade/ Ancestral – legado de antepassados, ativismo, hereditariedade. Que vem dos avós. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

Arte afro-brasileira – produção artística realizada no contexto da estética que se forma no encontro entre as culturas brasileira e africana. O termo arte afro-brasileira aparece no século 20 e reconhece toda manifestação artística que expresse a religiosidade, signos, emblemas do universo sócio-cultural do negro, expressos nas linguagens visuais, musicais ou cênicas. Hoje há uma preocupação em não associar esta produção a uma simples manifestação popular. Essa produção artística apresenta proposta estética que se desencadeia desde o pós-modernismo até os conceitos atuais de arte contemporânea. Fonte: AGUILAR, Nelson (org.). *Arte afro-brasileira*. Mostra do Redescobrimento. São Paulo: Fundação Bial: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000, p. 112-3.

Candomblé – culto de origem africana com belíssimo efeito coreográfico, seus cânticos são utilizados para chamar os “espíritos” subordinados aos orixás. Os cantos geralmente são entoados em dialetos nagô e yorubá. Este culto religioso tem seu início no Brasil, com a vinda dos negros escravos, que tinham a necessidade de realizarem os rituais tradicionais da sua terra natal. Para não sofrerem represália, os negros diziam dançar e louvar os santos católicos. Desta prática surgiu o sincretismo religioso. Por toda América há manifestações da religião do candomblé, mantendo muitas de suas características ancestrais. Para saudar cada orixá há cantos, batidas de atabaque, roupas, danças e oferendas especificadas de cada divindade. Fonte: <www.orixas.com.br>. Acesso em 16 jul. 2005

Iconografia – é o ramo da história da arte que estuda as questões relativas aos temas ou mensagens das obras de arte, em contraposição à sua forma. Descreve e classifica as imagens. A iconologia, por sua vez, é uma iconografia que se torna interpretativa. Fonte: PANOFKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Orixás – são divindades dos cultos iorubas. Mitos ligados aos elementos e fenômenos da natureza representam aspectos da personalidade humana e cada um tem funções específicas nos cultos e rituais. No Brasil e em outros países da América, esses seres foram associados a santos católicos. Fonte: <www.orixas.com.br> Acesso em 16 de jul. 2005.

Nagô-loruba – durante o período de escravidão, foram trazidos negros de várias partes da África. Essas pessoas eram de diferentes culturas, os negros da nação iorubas, também chamados de nagôs, foram trazidos principalmente para Salvador, este povo possuía rica mitologia com deuses que governavam a natureza e o destino dos homens. Foi com base

nessa cultura que nasceu o candomblé ou culto dos orixás. Fonte: <www.edeus.org/port/CandombleBR.htm>. Acesso em: 17 jul. 2005.

Símbolo/simbolismo/sistema simbólico – é portador de significação e se caracteriza pela versatilidade e não pela uniformidade. A linguagem verbal, a arte, o mito e a religião para o filósofo Cassirer são partes do universo simbólico construído pelo ser humano. Fonte: CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ritual – o culto religioso, conjunto de atos e práticas próprias de uma cerimônia, cujo objetivo é assegurar certo controle sobre as forças sobrenaturais e/ou orientar uma força oculta no sentido de uma ação determinada. Qualquer processo de cunho sagrado ou simbólico, susceptível de estabelecer e desenvolver costumes. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

Bibliografia

AGUILAR, Nelson (org.). *Negro de corpo e alma*. Mostra do Redescobrimento. São Paulo: Fundação Bienal: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. *Iconografias metropolitanas: países*. São Paulo: Fundação Bienal, 2002. (Catálogo da 25ª Bienal de São Paulo).

_____. *Materiais de apoio educativo para o trabalho do professor com arte*. São Paulo: Fundação Bienal, 1998. (Núcleo Educação, 24ª Bienal de São Paulo).

JUNGE, Peter (org.). *Arte da África: obras primas do museu etnológico de Berlim*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa (org.). *Material educativo para a Mostra do Redescobrimento*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais: Sesc, 2000.

PARA nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros. Curadoria Emanuel Araújo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2002. Catálogo.

PAREYSON, Luigi. A matéria artística. In: _____. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 07 ago. 2005.

ARTE AFRO-BRASILEIRA. Disponível em: <www.pitoresco.com.br/espe-lho/valeapena/afro_brasil/afro_brasil.htm>.

_____. Disponível em: <www.ceao.ufba.br/mafro/apresentacao.htm>. (Museu Afro-brasileiro de Salvador)

_____. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias/index.php?p=2058>. (Museu Afro-Brasil, em São Paulo/SP)

ARTE SACRA, Museus. Disponível em: <www.mas.ufba.br/>. (em Salvador/BA)

_____. Disponível em: <<http://artesacla.sarasa.com.br/>>. (em São Paulo/SP)

_____. MALEVITCH, Kazimir. Disponível em: <www1.uol.com.br/bienal/24bienal/nuh/enuhmonmale01.htm>.

BEUYS, Joseph. Disponível em: <www.mac.usp.br/projetos/arteconceitual/beuys.htm>.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.bienalsaopaulo.org.br>.

MESTRE DIDI. Disponível em: <www.mestredidi.org/>.

PACHECO, Nazareth. Disponível em: <www1.uol.com.br/bienal/24bienal/bra/ebraentpach01.htm>.

VALENTIM, Rubem. Disponível em: <mac.usp.br/projetos/seculoxx/lista.html>.

_____. Disponível em: <www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/artespla/artistas/rubemv/>.

_____. Disponível em: <www.ocaixote.com.br/galeria1/GrubemValentm.html>.

VINCI, Laura. Disponível em: <www.canalcontemporaneo.art.br/lauravinci/>.

Notas

¹ Para o filósofo Ernest Cassirer (1874-1945), o ser humano é um ser simbólico. Leia mais em CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

² Luigi PAREYSON, *Os problemas da estética*, p. 121.

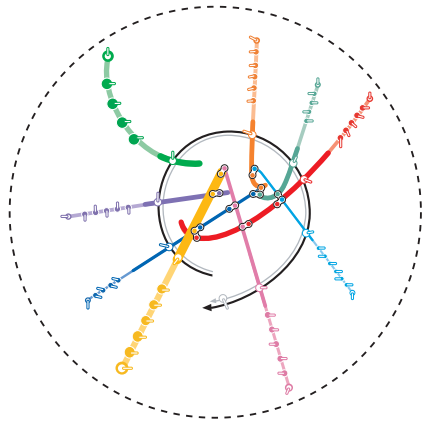
³ Fonte: <<http://www.mestredidi.org/mitologia.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2005.

⁴ Na DVDteca Arte na Escola você encontra um DVD sobre a obra de Rubem Valentim, que foi alocado no território de Saberes Estéticos e Culturais.

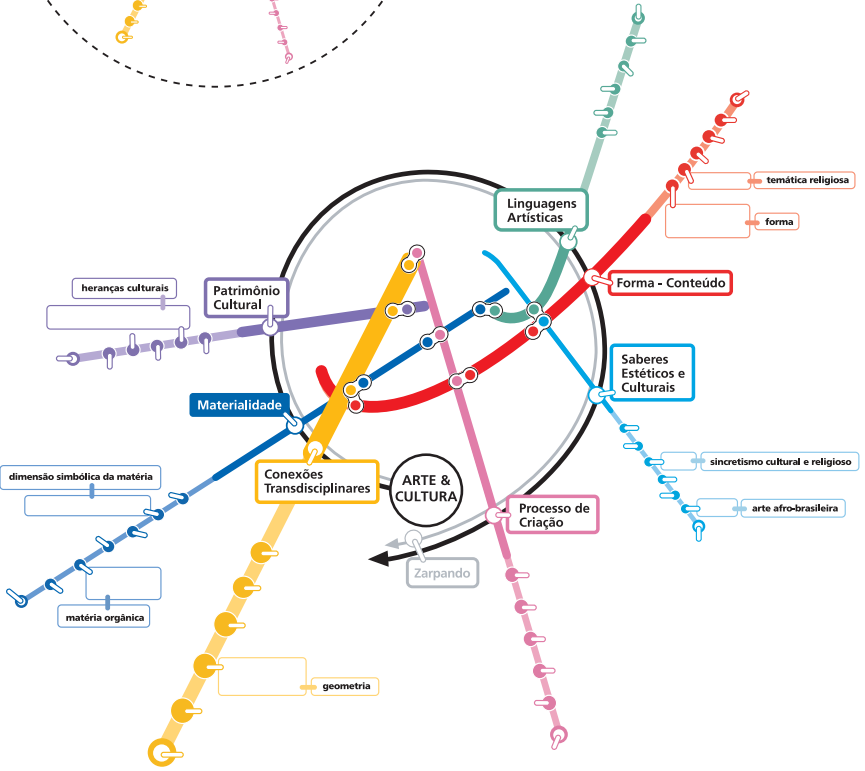
⁵ Sobre Nazareth Pacheco, você encontra um documentário na DVDteca Arte na Escola, também discutindo a questão da materialidade.

⁶ Trecho de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* citado por: ARAÚJO, Emmanoel et al. In: *PARA nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros*. p. 266.

⁷ Peter JUNGE (org.). *Arte da África: obras primas do museu etnológico de Berlim*, p. 27.



Mapa potencial
MESTRE DIDI:
ARTE RITUAL



Patrocínio | Organização



www.artenaescola.org.br